

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i37.52286>

VALLE, Vinicius do. *Entre a religião e o lulismo: um estudo com pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Recriar, 2019, 264p.

Recebido em 21/02/2020 - Aprovado em 18/03/2020



Entre a religião e o lulismo: um estudo com pentecostais em São Paulo

Sydnei Melo¹
Marcela Tanaka²

A relação entre evangélicos e política no Brasil da Nova República tem sido objeto de importantes estudos ao longo das últimas três décadas. A “grande novidade” representada pela eleição de uma “bancada evangélica” no pleito que levaria à composição da Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988) - e sobre a qual as pesquisas de Antonio Flávio Pierucci (1996) e Paul Freston (1993) foram colaborações importantíssimas para seu entendimento - daria ensejo ao desenvolvimento de um importante conjunto de estudos sobre o relacionamento de cristãos protestantes e pentecostais com a política. Estes trabalhos jogam luz sobre uma diversidade de fatores que explicam a presença dos evangélicos na política - seja pela ótica do conservadorismo ou pela afirmação da heterogeneidade denominacional e estrutural evangélica. Mais contemporaneamente, sob os holofotes de uma crescente expansão para dentro do sistema político, novos trabalhos

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (IFCH/Unicamp). Bolsista CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4633-3826>. E-mail: sydneimelo@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (IFCH/Unicamp). Bolsista CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5477-3111>. E-mail: marcela.tanaka@hotmail.com

surgiram na expectativa de compreender o fenômeno. Parte deles dedica-se a explicar o comportamento do eleitor evangélico como ator significativo nos resultados eleitorais, tanto em âmbito nacional como subnacional.

Por outro lado, conforme o surgimento de mais explicações gerais sobre o fenômeno, novas perguntas se colocam sobre a participação evangélica na esfera pública, bem como o papel de suas lideranças, estruturas e organização eclesial, e sobre sua forma de financiar campanhas. A expansão dos trabalhos acadêmicos sobre o tema reforça o papel relevante dos atores religiosos na democracia brasileira e, em alguns casos, latino americanas. Se a ideia de que “crente não se mete em política” já estava em xeque nos primórdios de nosso atual período democrático, tal pensamento parece ter se dissipado definitivamente em vista da crescente presença e influência deste segmento religioso no cenário político nacional.

O trabalho de Vinícius do Valle - *Entre a religião e o lulismo: um estudo com pentecostais em São Paulo*, publicado em 2019 pela Editora Recriar - não foge desse escopo. Traz, porém, uma importante inovação, de caráter *metodológico*: um desenho de pesquisa etnográfico, de observação participante e reflexiva. Neste sentido, o livro é capaz de lidar com críticas contundentes a respeito do campo de estudos sobre os evangélicos: através de observação em campo e por meio de entrevistas em profundidade, Valle traz a visão do eleitor evangélico por si próprio - eliminando, assim, problemas de inferência ecológica sobre comportamentos individuais. Para compreender como os eleitores evangélicos pensam e agem sobre temas e debates políticos, a pesquisa qualitativa foi essencial.

Prefaciado pelo professor André Singer, *Entre a religião e o lulismo* divide-se em quatro capítulos e uma introdução na qual Vinícius do Valle esclarece pontos importantes de seu estudo. Trata-se de um *estudo de caso* - definido conceitualmente por Valle como o entendimento de um caso específico, um objeto em particular, com a intenção de produzir explicações e interpretações densas de um fenômeno e que permitam, posteriormente, estabelecer conexões com teorias e métodos mais gerais; estudo este desenvolvido por meio de uma *pesquisa etnográfica* - ou, segundo Valle, uma *Etnografia da Política* - atenta às minúcias dos processos políticos desenvolvidos no âmbito das experiências vividas pelos atores investigados. Pouco presente, como indica o próprio autor, na literatura dedicada à Ciência Política em nosso país, a opção pelo estudo etnográfico é justificada pela possibilidade de oferecer aos leitores um entendimento que análises macrossociais e estatísticas não seriam capazes de oferecer: a compreensão de dinâmicas locais, da interação entre instituições e pessoas, de noções de grupo e identidade, bem como o funcionamento da política do dia a dia.

Esta *Etnografia da Política* é realizada por Valle em uma comunidade de fiéis ligada à Assembleia de Deus (Ministério Belém), situada na região do Campo Limpo, periferia paulistana. A escolha não é aleatória: a Assembleia de Deus é, em número de fiéis, a maior denominação pentecostal existente no Brasil e, historicamente, a cúpula da denominação posiciona-se eleitoralmente contra candidatos e discursos petistas. Por outro lado, a comunidade pesquisada pelo autor concentra, majoritariamente, famílias residentes nas redondezas da igreja, com renda mensal *per capita* de até dois salários mínimos. São, portanto, moradores da periferia e de baixa renda - perfil social e econômico que, de acordo com a literatura especializada, teria constituído identidade e preferência eleitoral com o Partido dos Trabalhadores especialmente a partir de 2006. A situação leva Valle a mobilizar o conceito de *pressões cruzadas*, cunhado por Seymour Lipset, para tentar compreender o objeto que tinha diante de si: uma comunidade de fiéis sofrendo pressões distintas - de suas condições econômicas e de suas lideranças eclesiais - para que orientassem suas preferências a candidatos ou partidos também distintos. Esta constatação, segundo o autor, permitiria iluminar aspectos gerais do comportamento político dos pentecostais.

O trabalho se revela, portanto, um estudo dedicado à compreensão das práticas e discursos políticos dos fiéis pentecostais, atravessadas pelo discurso eleitoral das lideranças assembleianas e em meio a um contexto político marcado pelo lulismo³. Os capítulos seguintes buscam explorar esta situação. O primeiro⁴ dedica-se a caracterizar os evangélicos em suas diferenças internas e denominacionais; explicar seu importante crescimento no conjunto da população brasileira nos últimos anos; descrever, mais detalhadamente, a história e características da Assembleia de Deus enquanto principal denominação pentecostal do país; demonstrar, por meio de literatura especializada, a trajetória da participação política dos evangélicos, com especial atenção à sua afinidade com as pautas de um conservadorismo moral e com tensões e críticas ao petismo; e, finalmente, ressaltar a “pedra no meio do caminho”: a caracterização socioeconômica e periférica comum aos fiéis pentecostais e a relação de identidade que os brasileiros de baixa renda haviam estabelecido eleitoralmente com o lulismo - que no caso paulistano se concretizava com uma forte preferência pelo petismo nas periferias da cidade, aí incluída a região do Campo Limpo.

³ Para a discussão sobre o “lulismo” enquanto fenômeno político, ver *Os sentidos do lulismo* (SINGER, 2012), com o qual Valle dialoga sistematicamente durante o livro.

⁴ “Evangélicos no Brasil e na política: características religiosas e econômicas em conflito” (p. 35-86).

O segundo capítulo volta suas fichas para o entendimento da visão e da vivência dos fiéis com relação à sua igreja⁵. Ele se inicia com um resgate da literatura que se dedicou a debater o tema da secularização e da capacidade de a religião contribuir para a formação de identidades sociais na contemporaneidade. É com este capítulo que a etnografia de Vinícius do Valle começa a demonstrar sua força, uma vez que os relatos e reflexões concedidas pelos fiéis nas entrevistas realizadas pelo pesquisador passam a trazer questões relevantes como, por exemplo, a demonstração do forte sentimento comunitário alimentado entre eles, bem como de sua identidade com a instituição em que comungam. O sentimento de diferenciação em relação ao “mundo”⁶, a sensação de acolhimento e pertencimento comunitário, e a percepção de “ascensão” social e moral alimentada entre os fiéis são demonstradas a partir das entrevistas recolhidas por Vinícius do Valle. Estas são bastante úteis para que o leitor possa compreender o nível de envolvimento dos irmãos com sua igreja e as tarefas que ali os esperam, assim como as razões da forte identidade que constroem com o universo evangélico e particularmente com sua denominação.

O capítulo também aborda as iniciativas da própria igreja no que diz respeito à formação teológica e política de seus membros. Seja por meio de discursos de pastores ou de materiais utilizados em escolas bíblicas dominicais, a Assembleia de Deus busca reforçar nos fiéis a visão de suas lideranças sobre as maneiras de lidar com questões políticas - pautadas especialmente sobre a ideia do respeito à ordem e às autoridades, da necessidade de oração por elas e do dever de obediência aos mesmos. O fomento ao engajamento político dos irmãos, por outro lado, também ocupa tempo significativo das falas dos pastores e das aulas de escola bíblica - e o trabalho de Valle demonstra que, nestes momentos, é a preocupação com os valores morais e as demandas materiais da igreja perante o Estado que predomina no conjunto destas intervenções.

O terceiro capítulo⁷ aborda a “política em ação” no interior da igreja, durante os períodos eleitorais. O estudo de Valle foi realizado durante os pleitos de 2014 e 2016 - e o capítulo, neste sentido, aborda respectivamente os contextos das campanhas para deputado federal e estadual, e para a Câmara de Vereadores paulistana. As eleições legislativas constituem especial interesse da instituição religiosa, que indica aos irmãos

⁵ “A igreja na visão e vivência dos fiéis” (p. 88-127).

⁶ Com base na pesquisa de campo, Valle define o “mundo” como “o local do pecado e da desgraça”. Segundo os fiéis, ali estariam “as drogas, a prostituição, os vícios e as condutas pecaminosas que afastariam o indivíduo de Deus e dos planos divinos para a sua vida”. Em oposição a isto estaria a Igreja, “reino das virtudes, da palavra bíblica e da condutas corretas” capazes de levar os homens ao plano divino e à salvação (cf. p. 98).

⁷ “As eleições legislativas: a importância da igreja e dos valores religiosos” (p. 129-165).

candidatos que pertencem à própria igreja⁸ - dirigindo suas apostas para o fomento de uma identidade religiosa entre fiéis e candidatos que sustentam suas campanhas com base na defesa dos “valores caros para os evangélicos”, da família e dos interesses da igreja junto ao Estado. Se a igreja age “como partido”, a pesquisa de Valle demonstra que a preocupação com a “defesa da família” e dos “valores cristãos” é capaz de aproximar os fiéis às candidaturas da igreja: com poucas exceções, os irmãos dedicam amplamente seus votos a estes candidatos. Mas a pesquisa também demonstra que, nas eleições de 2016, com o antecedente de diversas manifestações de rua e um discurso de descrença com a política reverberando entre os brasileiros, as candidaturas religiosas também não passariam imunes a esta conjuntura - algo que fica marcado no registro das entrevistas apresentadas por Valle, que insinuam a desconfiança de fiéis inclusive em relação a políticos e candidatos do campo evangélico.

Por sua vez, o quarto capítulo⁹ prossegue com a análise da “política em ação”, mas com foco nas eleições executivas de 2014 e 2016. Neste caso, não há “candidatos oficiais” da igreja, mas o apoio da mesma a determinados postulantes, geralmente em oposição às candidaturas petistas¹⁰. No caso do pleito de 2014, e a partir das entrevistas que realizou, Valle demonstra que, ao contrário das posições manifestadas pelas lideranças assembleianas, vários fiéis afirmam dedicar seus votos à chapa encabeçada por Dilma Rousseff - e trazendo consigo o antecedente da votação em Fernando Haddad para as eleições municipais de 2012. Para o autor, a situação evidencia o peso do lulismo entre os fiéis. O fenômeno, porém, não passa ileso pelos anos conturbados vividos pela política nacional desde as manifestações ocorridas em 2013 - e as entrevistas dos irmãos apontam para isto: ressalvas, críticas e insatisfações começam a aparecer nos discursos, especialmente nas leituras que realizam sobre o governo da presidente Dilma Rousseff. A corrupção passa a ser destacada como uma questão relevante ao olhar político destes atores, ao mesmo tempo em que se ampliam insatisfações com temas como emprego e a qualidade dos serviços públicos. Em 2016, a crise do lulismo toma forma: vários fiéis que declararam votos em Fernando Haddad e Dilma Rousseff migraram para a candidatura de João Dória, reforçando um coro antipetista comum à igreja e com respaldo em uma

⁸ Cabe notar que as campanhas para os cargos legislativos de 2014 e 2016 envolveram, junto à comunidade assembleiana analisada por Valle, as candidaturas de Paulo Freire, Marta Costa e Rute Costa - todos filhos do Pr. José Wellington Bezerra da Costa, que foi pastor presidente do Ministério Belém e da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil por mais de 30 anos, sendo substituído por seu filho Pastor José Wellington Júnior em 2017.

⁹ “As eleições executivas de 2014 e 2016: as pautas materiais e a derrocada do lulismo” (p. 167-227).

¹⁰ Nas eleições de 2014, a igreja em questão dedicou apoio a Geraldo Alckmin para o governo de São Paulo, Marina Silva no primeiro turno para a presidência da República, e Aécio Neves no segundo turno. Em 2016, o apoiado na corrida para a prefeitura paulistana foi João Dória.

crítica ao sistema político cujos problemas teriam como protagonista o PT, também responsabilizado pela crise econômica e pelo desemprego vividos naquele ano. Muitos destes eleitores haviam sido entrevistados por Valle em 2012, ano da eleição de Fernando Haddad à prefeitura de São Paulo. Neste sentido, o autor mobiliza estes registros para demonstrar como os antigos eleitores petistas de 2012 deslocam-se para o campo do antipetismo, e como o pessimismo com a conjuntura econômica, as críticas à corrupção e a decepção com a política motivam seus interesses pela candidatura tucana de 2016.

Os resultados da pesquisa permitem a Vinícius do Valle uma constatação: os próprios fiéis, enquanto eleitores, possuem uma compreensão do sistema eleitoral que reconhece as pautas da igreja como legítimas para as eleições legislativas, mas sem apresentarem o mesmo peso no caso das eleições executivas. Se temas como desemprego, economia e políticas públicas são importantes para a escolha de candidatos a governador, presidente e prefeito; a defesa das pautas morais e de valores encontra seu lócus no pleito para deputados e vereadores, cargos vistos como espaço de representação de setores sociais específicos - como uma comunidade religiosa. Os legisladores apoiados pelos irmãos seriam vistos, portanto, como representantes dedicados a defender os interesses da própria igreja e a barrar iniciativas vistas como ameaçadoras ou contrárias ao interesse de sua instituição.

Inovador em sua proposta metodológica - qualitativa, etnográfica e até painel em muitas entrevistas; e em sua preocupação por registrar as reflexões dos fiéis sobre a política em seu cotidiano religioso e comunitário - portanto, como diria André Singer, “desde baixo” - o estudo de Vinícius do Valle se coloca como valiosa contribuição para o campo de estudo das relações entre religião e política e, mais especificamente, da inserção política dos evangélicos em nosso país. O trabalho abre uma agenda de pesquisas que permite perguntar se seu argumento é capaz de viajar para outros contextos do Brasil. Por exemplo: é o lulismo que conquista os votos, ou a racionalidade econômica do eleitor periférico, em conexão com o contexto espacial em que se encontra? Uma periferia com características socioeconômicas idênticas ao caso estudado por Valle, só que no Maranhão - cuja identificação e votos no PT são altos - teria o mesmo problema das pressões cruzadas?

Ao mesmo tempo, a pesquisa de Valle ilustra o argumento sobre a guerra cultural brasileira (SMITH, 2019) a partir da ótica do eleitor, suscitando novas provocações: qual a extensão da influência do clero na comunidade? Serão ainda as pautas morais que motivarão o engajamento político de fiéis nas próximas eleições? Qual o papel da opinião pública na tomada de decisão dos irmãos? *Entre a religião e o lulismo* permite testar a influência parcial e assimétrica do clero quando põe a prova o argumento das pressões cruzadas.

O material empírico apresentado por Valle é de fundamental importância para entendermos um xadrez com múltiplas camadas e jogadores - do qual o eleitor evangélico é apenas um deles. A leitura de seu estudo é imprescindível para qualquer pesquisador ou pesquisadora que busque compreender o universo religioso sob a ótica de quem o produz, além de trazer reflexões importantes sobre o fato de o impacto da economia na tomada de decisão dos atores religiosos ser altamente permeado por questões morais, colocando em xeque a visão de um eleitor “de cabresto” como muitas vezes é desenhado pela opinião pública. Ao dar voz ao eleitor evangélico e periférico, Vinícius do Valle permite que o leitor saia da postura confortável de enxergá-lo como “outro” diferente de “nós” e passe a compreendê-lo dentro de seu mundo de significados, signos e ontologias.

Referências

- FRESTON, P. *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Tese de Doutorado – Campinas: Unicamp 1993.
- PIERUCCI, A. F. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. In: *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 163–191.
- SINGER, A. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo, Cia. das Letras, 2012.
- SMITH, A. E. *Religion and Brazilian Democracy: mobilizing the People of God*. Cambridge. Cambridge University Press, 2019
- VALLE, V. *Entre a religião e o lulismo: um estudo com pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Recriar, 2019, 264p.